

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ROBERTO GAVALDÓN, O OUTRO MEXICANO
4 e 19 de Setembro de 2025

LA NOCHE AVANZA / 1952

Um filme de Roberto Gavaldón

Realização: Roberto Gavaldón / Argumento: Roberto Gavaldón, José Revueltas e Jesús Cardenas, baseado numa história de Luis Spota / Direcção de Fotografia: Jack Draper / Direcção Artística: Edward Fitzgerald / Música: Raul Lavista / Som: James L. Fields / Montagem: Charles L. Kimball / Interpretação: Pedro Armendáriz (Marcos Arizmendi), Anita Blanch (Sara), Rebeca Iturbide (Rebeca Villarreal), Eva Martino (Lucrecia), José Maria Linares-Rivas (Marcial Gómez), Julio Villarreal (sr. Villarreal), Armando Soto La Marina (Chicote), Wolf Ruvinskis (Bodoques), Carlos Múzquiz (Armando Villarreal), Francisco Jambrina (Luis), Roberto Palacios (Li Chan), Juan García e Margarito Luna (esbirros de Marcial), etc.

Produção: Mier y Brooks / Produtores: Felipe Mier e Oscar J. Brooks / Cópia: DCP, preto e branco, falada em espanhol com legendagem em português do Brasil / Duração: 89 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Perante mais esta deriva da “norma melodramática” habitualmente reconhecida ao cinema de Roberto Gavaldón – estamos em **La Noche Avanza** mais próximos dos ambientes do “noir”, mas sem constrangimentos nem preocupação de seguir um roteiro do “género” - dá-se a curiosidade de voltarmos a pensar num cinema que não se costuma aproximar do mexicano, o italiano, e de isso não nos parecer nada disparatado, mesmo depois de alguma reflexão sobre o instinto comparativo inicial. Se **Rosauro Castro** trazia a memória os filmes do sul italiano, a ruralidade pobre dominada pelos “pais” mafiosos, **La Noche Avanza** faz-nos evocar os filmes do norte italiano, de Roma para cima até Milão: que fácil é imaginar, sem tirar nem acrescentar muito (talvez apenas um pouco mais de humor, de *commedia*), este filme a ser feito em Itália, com Alberto Sordi (o grande especialista na encarnação do poltrão arrogante) no lugar de Pedro Armendáriz, através das noites romanas ou milanesas...

De todas as diferenças entre as sociedades italiana e mexicana, haverá esta semelhança: dois mundos profundamente machistas. A crítica desse mundo era o objecto de tanto filme italiano, como era de tanto filme mexicano – o que é uma base simples mas suficientemente clara para justificar a comparação. É mais uma vez o caso em **La Noche Avanza**, que é uma crítica severa do *homo mexicanus*, mas também do mundo em torno, que o gera e lhe permite medrar, das subserviências de classe às subserviências de género (porque das várias mulheres que Marcos Arizmendi faz sofrer ao longo do filme, há várias que são, por assim dizer, cúmplices do seu próprio sofrimento). A violência extraordinária da cena, que precede o desenlace, em que Marcos vai extorquir dinheiro a Sara (personagem que aí, diva confrontada com o seu envelhecimento, é bastante remanescente de **Sunset Boulevard**), expõe cruelmente essa cumplicidade – não “limpa” Marcos em nada, mas deixa claro que ele é “assim” porque as mulheres o deixam ser “assim”. Ou antes, a magnífica cena em que Marcos deixa Lucrecia à espera e vai embora de carro com Sara (para depois os planos de cama nos sugerirem que o cinema mexicano dos anos 50 era Hollywood sem código Hays), e que mesmo assim Lucrecia tolera (“antes ter um quinto de um homem assim de que a totalidade de um homem que não valha nada”, ou algo do género).

O filme tem um ritmo frenético, sempre para a frente narrativamente mas também, simbolicamente, de cima para baixo e de baixo para cima, no desenho da fácil circulação entre a mais fina sociedade e os “bas fonds”, com centro nesse lugar “natural” de convívio que são os cabarets e os night clubs da movida da Cidade do México. Se Marcos Arizmendi, o desportista famoso (ás da pelota, ou lá como se chama em português àquele jogo que, tanto quanto sabemos, nunca foi muito praticado por cá), habituado a pôr e dispor e a ter o mundo a dobrar-se aos seus pés, ocupa o centro, há muitas cenas com o foco nas outras personagens, e portanto no desenho de um mundo, de um “ecossistema”, e isto tanto vale para a conservadoríssima família de Rebeca, personagem a que já voltaremos, como para o círculo “socialite” ou para os círculos mafiosos.

O movimento do filme caminha decisivamente para o mergulho nestes últimos, a partir do momento em que Marcos é raptado e se torna alvo de chantagem. É uma sequência admirável, que não deve nada, em mestria e savoir-faire, aos seus equivalentes do cinema hollywoodiano da altura (ocasião para reiterar, como já se insistiu várias vezes: o cinema mexicano nestas décadas era uma verdadeira indústria), e que nem falta aquele condimento acidamente cómico do esbirro dado a citações literárias (“and the rest is silence”, dito com toda a exuberância do sotaque mexicano). Mas mesmo esse círculo vem a estar na mão de Marcos, que também encontra maneira de o dominar, apesar do aviso em forma de provérbio que lhe é transmitido pelo velho mafioso Li Chan (a emigração chinesa para o México, eis outra coisa que não se vê muito): “não olhes muito para cima, porque os brilhantes não andam a voar”.

Mas é, justamente, a voar, que o filme, e a história de Marcos, se concluem. A personagem feminina mais discreta do filme, a que desaparece por mais tempo, Rebeca, a rapariga que Marcos engravidou e de quem se quer ver livre, volta para o desenlace, como autêntico anjo da morte. O tom dessa sequência, que já parecia um “dénouement”, ou a mera conclusão de uma história (Marcos a desembaraçar-se dos chantagistas) que já estava resolvida, é significativo exactamente por isso: faz figura deliberada de epílogo moral e moralista, castigador, tremendamente castigador. É ver os derradeiros planos, “dénouement” do falso “dénouement”, os papéis e cartazes com o nome de Marcos a serem arrastados pelo vento, pela lama e pelas poças, até que venha alguém apanhá-los e enfiá-los no caixote do lixo. RIP Marcos Arizmendi, enfiado no mais sórdido dos túmulos – mas que é enquadrado face a um monumento alusivo à revolução mexicana. “A noite avança”, isso é certo; mas e a revolução, avança? Essa era a pergunta que o filme de Gavaldón deixava, mudamente, aos seus espectadores.

Luís Miguel Oliveira